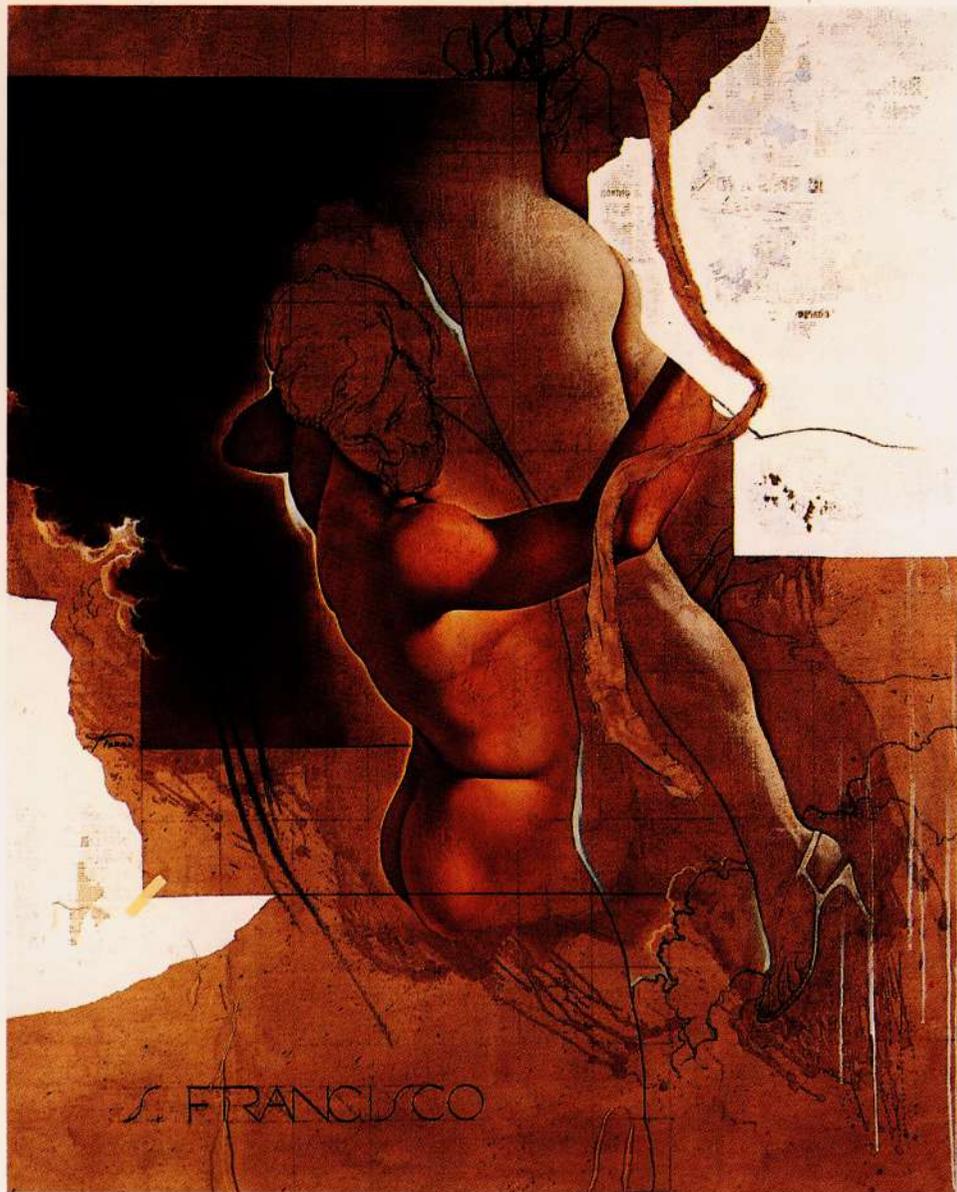


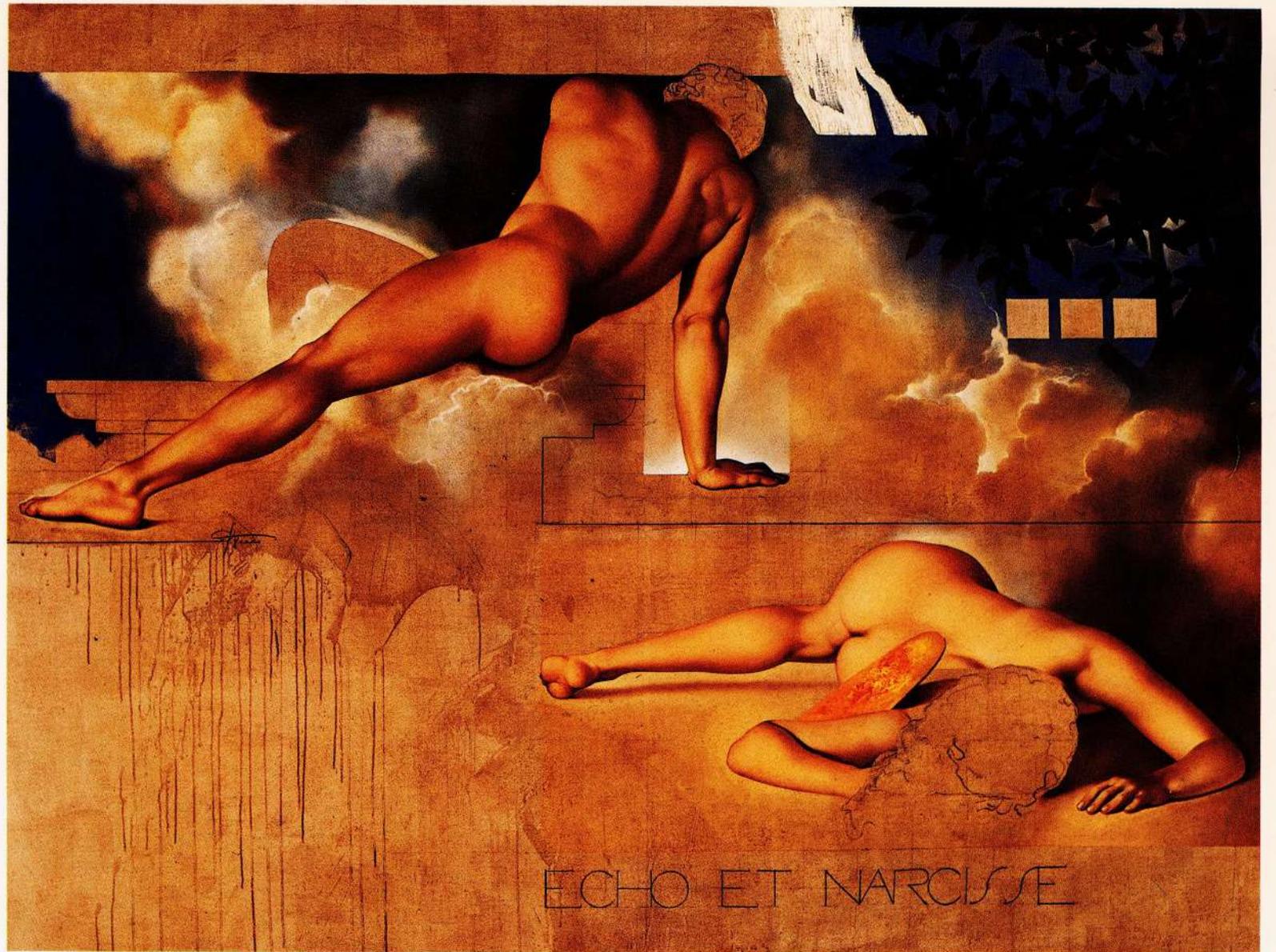
SÉRGIO FERRO

SÉRGIO FERRO

DE 28 DE OUTUBRO, ÀS 21 HORAS, A 21 DE NOVEMBRO DE 1993



LA 2^{EME} TENTATION DE S. FRANCISCO
O/S/T 160x130 1993



A mão pensa

Conversação, por fax, com Sérgio Ferro

Por Ignácio de Loyola Brandão

Paz

“De minha janela, no verão, vejo campos de girassóis e lavanda (amarelo e violeta, cortados pelo ocre e verde habituais). No inverno, quase tudo seca. Sobram telhados antigos e a fumaça das lareiras, espalhando perfume de lenha queimada. Por uma abertura zenital, vejo os muros do castelo, 20 metros acima, na vertical. Sem olhar para fora, sei que há paz rara, aqui”.

Aqui

É Grignan, na França, vilarejo de 600 habitantes, encostado ao castelo de Madame Sevigné. Onde vive, hoje, Sérgio Ferro, depois de ter passado 12 anos em Grenoble e 9 em Paris.

A questão

E por que foi embora, Sérgio?

“Fui preso e torturado. Particpei ativamente da ALN e da VPR. Saí do Brasil no dia primeiro de abril de 1972”.

Memória

ALN era a Aliança Libertadora Nacional, liderada por Marighela. VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária, comandada por Lamarca. Os dois mais temidos líderes da reação armada contra a ditadura. Em 1972 vivia-se o Brasil da euforia com o tricampeonato mundial de futebol, o milagre econômico, havia censura sobre imprensa e todas as artes, permanente estado de sítio e o presidente vivia com o radinho de pilha colado ao ouvido)

O homem

Quem era Sérgio Ferro, até então?

“Um homem nascido em 25 de julho (signo de leão) de 1938, diplomado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) de São Paulo, em 1962. Em 1965, pós-graduação em museologia e evolução urbana e em 1966, em semiologia. Professor de composição e plástica, de história da arte e estética, em Santos e Brasília. Conferencista, autor de seminários, da comissão técnica da Bienal de São Paulo, comissário especial para a Bienal de Veneza”.

Memória

1972 também foi o ano em que os carros exibiam os adesivos: *Brasil, ame-o ou deixe-o*. O paradoxo era que muitos tinham que deixá-lo, exatamente por amá-lo.



DAPHNE / APOLLON

Picasso

Este lugar

Como é? Este lugar em que vive? A cara que tem?

“O vilarejo conta com 1 táxi, 1 armazém, 2 cabeleireiros. Alguns artistas moram por aqui. Jacottet, poeta. Alberola, pintor. E dois fabricantes de clavecin, amigos de Heidegger”.

Método

Quantas horas trabalha por dia? Tem algum sistema, organização?
“Trabalho 10 horas por dia, todos os dias. Seja domingo, natal, o que for. A cada 2 semanas, passo 3 dias em Grenoble, dirigindo um laboratório de pesquisas (Dessin/Chantier) sobre a história da arte e da arquitetura”.

Processo

O que provoca a idéia inicial? Um pensamento, sonho, visão, gesto, uma palavra? Como é desenvolvido este impulso inicial?

“Meu método é adaptado da pintura veneziana do século XVI. Começo a desenhar a carvão, sem grandes idéias prévias. Guardo o que gosto e apago o resto. Continuo com alquídica e termino com óleo. Esta técnica permite que me solte: posso encobrir o que azeda. O “tema” aparece no meio do caminho. Tal figura poderia ser São Sebastião ou Ícaro ou Danae... É um artifício para condenar os efeitos de significação que a forma sugere. Mas posso ainda voltar para trás e muitas de minhas Vênus foram Narciso ou São João. Raramente faço esboço ou estudo preliminar; prefiro seguir pistas que não havia antecipado”.

Quantas horas por dia, de trabalho?

“Trabalho o dia todo. Mas sou mais produtivo pela manhã”.

E inspiração?

“Não, não acredito em inspiração. Creio no trabalho amoroso, na tenacidade - e na procura”.

Em cada criação existe uma teorização prévia? Uma estrutura filosófica, ideológica, mística? Ou você faz?

“O teórico é o de Grenoble. No atelier, faço-penso (é preciso inventar verbos que escapem às oposições). A mão pensa, dizia Focillon. Mas é um outro tipo de pensamento: atua por massas, estruturas e figuras, escapa a dedução e a intuição”.

Citação

(Necessária não por gosto pelo acadêmico, mas por esclarecer, aclarar).

“O que nos surpreende à primeira vista nesta obra (de Sérgio Ferro) é a sua íntima convivência do gesto clássico com a retórica ilusionista da tradição artística. No polo oposto do espaço vanguardista vemos quadros que respeitam a estética barroca, corpos em relevo, “chiari oscuri”, nus acadêmicos, posturas patéticas,

bustos modelados e crucificados, mãos e gestos de Madonna. A pintura de Ferro compõe um hino aos grandes mestres, a Velasquez, Tintoreto, sobretudo a Michelangelo. Cada quadro lembra outros quadros, toda forma é um eco abafado do passado glorioso do museu imaginário, tendo o século XVI como referência preferida. Somos todos discípulos, as obras só podem ser reminiscências esfumadas, variações empobrecidas, anedóticas, kitsch da tradição lírica imortal”.

Giles Lipovetsky, 1991.

A ponte

A arte precisa demonstrar alguma coisa?

“Arte não demonstra nada: ela propõe. Tem parentesco com os mitos: parece resolver, mudando de campo, contradições insuperáveis. E a ponte que trama não pertence nem ao imaginário, nem ao simbólico, mas ao real - ao não simbolizável”.

Amanhã vazio

E a arte européia? Em que estágio está? Quantos daqui do Brasil vão ao primeiro mundo e voltam, deslumbrados!

“Uma merda! O discurso invadiu a arte. Críticos, comissários, diretores, ministros, transformaram a arte em ilustração para suas chatas arengas. Veja a última Bienal de Veneza. Um amontoado de montagens sem graça, à espera de legendas primárias. O fim das esperanças revolucionárias concluiu também o período das vanguardas e seus manifestos. O amanhã parece vazio: sobra a melancolia, arrastando seus pobres enigmas em arranjos pueris, supostas codificações para moralismos mediáticos. Um alegorismo primário domina, inferior mesmo ao que corporificava a indústria ou o comércio no fim do século passado. O artista santo (fantasma bem ilustrado pelo Genet do Sartre) cedeu seu posto (que já era suspeito) a animadores da boa consciência - enquanto o público, de saco cheio, olha para o outro lado. E se espalha a vergonha de ter prazer de pintar”.



SAINT FRANCISCO
O/S/T 160x131 1993

Sufrimento

A distância do Brasil favorece uma visão mais clara do nosso país? Ou obscurece? Ou isto não tem importância? Afinal, o Brasil foi sua preocupação e sua danação nos anos 70.

“A distância age como mola: aumentando, reforça a tensão oposta. Sofro com a miséria crescente, com a transformação do nosso estado em empresa privada a serviço de uma desprezível oligarquia”. Você ainda é muito tocado pela situação brasileira? Este país penetra em sua produção?

“Acho que o que mais me ficou do Brasil é a postura eclética. Euclides da Cunha dizia, se bem me lembro, que não temos história, temos geografia. Eu desarranjo a história bem feitinha que as metrópoles inventaram - e, na minha biblioteca, Beuys é vizinho de Botticelli e do Bororó. Por isso, minha pintura parece anacrônica. Nela misturo Victor Meirelles com Fontana e os Carracci”.

Colônia

Há possibilidade de se dizer alguma coisa sobre a arte brasileira, atual? Qual a maior qualidade da arte no Brasil? E o defeito? E o mercado de arte?

“Estou afastado. Prefiro não falar. Mas há exceções maravilhosas. O Brasil tem artistas extraordinários: Aleijadinho, Goeldi, Wesley... Mas preferimos sempre arte que refaz os fax vindos de fora. Continuamos colônia”.

Pessoais

Organizado? “Por fora”.

O que te irrita? “Pretensão”.

Mania. “Tomo banhos intermináveis. Aluno de jesuítas, me carregado de culpas, nem sempre minhas”.

Hobbies? “Não tenho. Ou melhor, a pintura”.

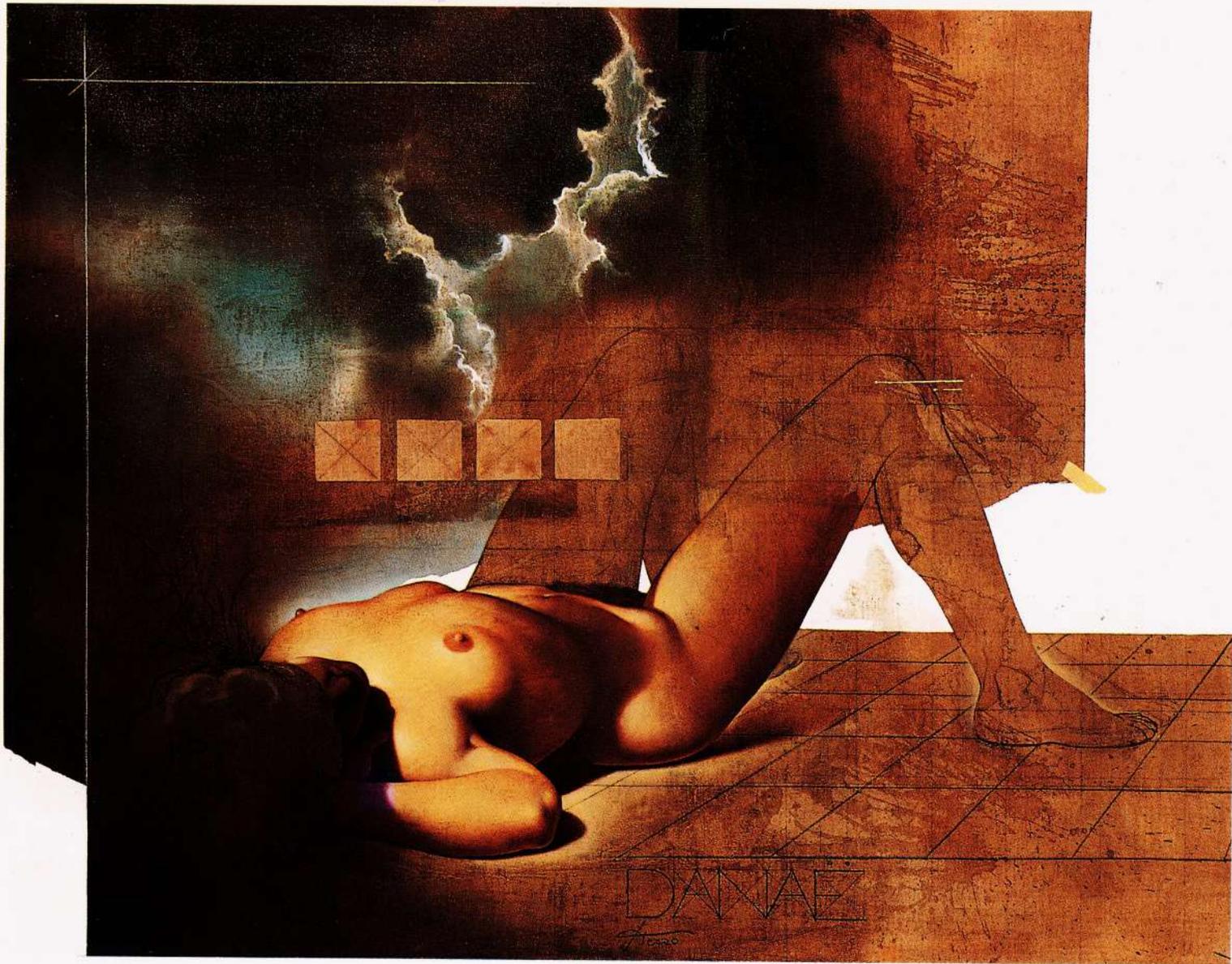
Cor de que não gosta. “Laranja”.

Grandes projetos. “Murais, misturando arquitetura, escultura e pintura”.

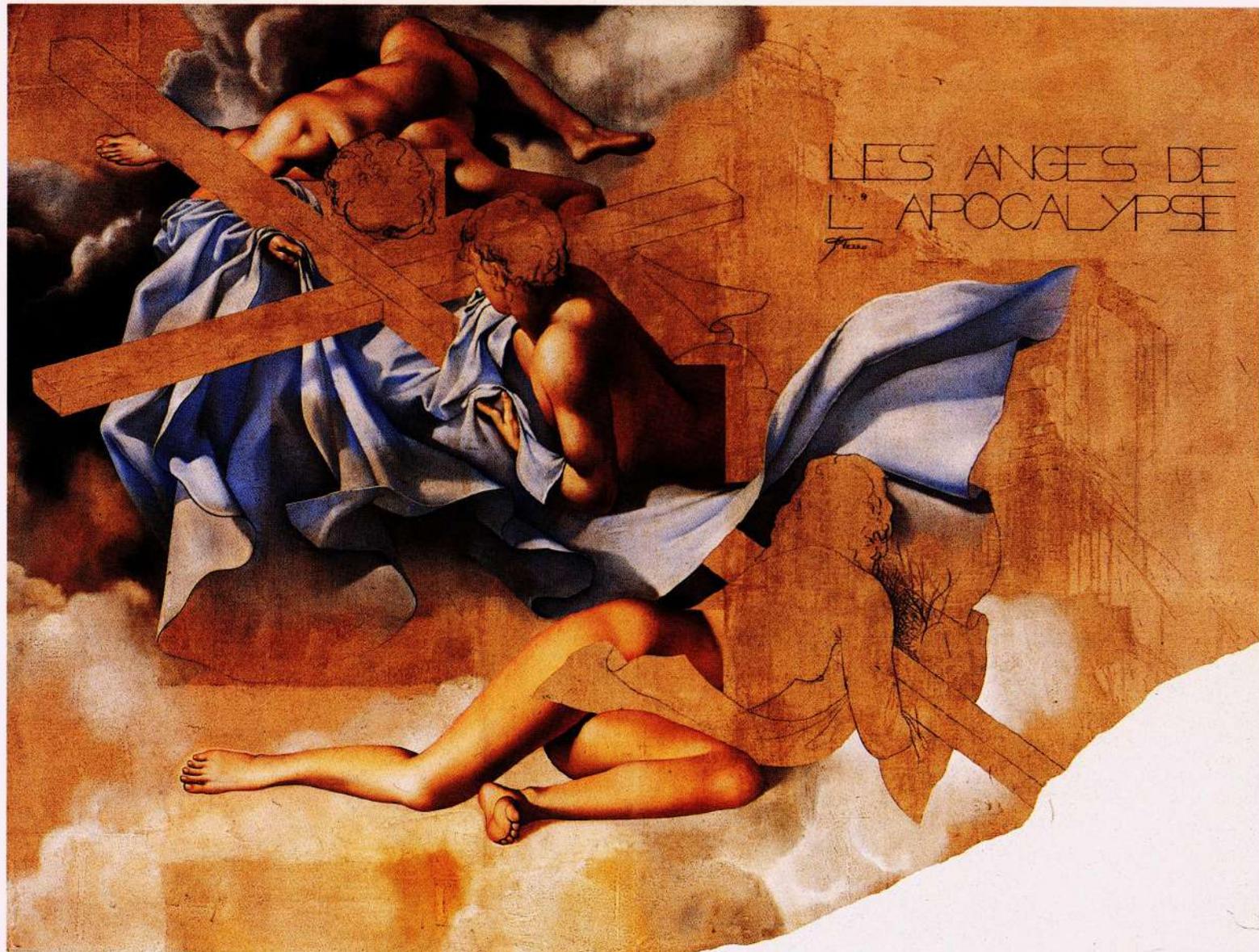
Leituras: “Arasse (sobre o detalhe). Popper (sobre a lógica das situações), Borges, Chandler, Krauss, Rosand (sobre Ticiano), Roudinesco (sobre Lacan). Uma salada. Como gosto”.

O Estado deve patrocinar, financiar, abrir espaços? Qual a atitude do Estado diante da arte?

“O Estado (um outro) deveria me encomendar um mural que quero fazer. E me pagar divinamente”.



DANAE
O/S/T 114x146 1993



LES ANGES DE L'APOCALYPSE
O/S/T 195 x 258 1993

SÉRGIO FERRO - 1938/Brasil

- 1962 - Diplomado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
- 1965 - Pós-graduação em Museologia e Evolução Urbana
- 1966 - Especialização em Semiologia

Principais Exposições

- 1963 - Galeria São Luiz - São Paulo - Brasil
- Galeria Teatro de Arena - São Paulo - Brasil
- 1965 - Galeria Mobilinea - São Paulo - Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio Grande do Sul - Brasil
- 1973 - Galeria Fernando Milan - São Paulo - Brasil
- 1974 - Galeria ZHTA-MI - Thessalonique - Grécia
- 1975 - Museu de Grenoble - França
- 1976 - Galeria Fernando Milan - São Paulo - Brasil
- "Vingt Acquisitions" - Museu de Grenoble - França
- "FIAC - GRAND PALAIS" - Paris - França
- 1977 - Galeria La Tete de L'Art - Grenoble - França
- 1978 - Galeria La Tete de L'Art - Grenoble - França
- 1979 - Galeria Murs Ouverts - Vence - França
- "Volta a Figura" - Museu Lasar Segal - São Paulo - Brasil
- "Expo 79" - Museu de Grenoble - França
- 1980 - Galeria Saint-Guillaume - Paris - França
- 1981 - Museu de Arte de São Paulo - Brasil
- 1982 - Atelier J. Y. Noblet - Grenoble - França
- Castelo de la Condamine Corenc - França
- "Stockholm International Art Expo" - Suécia
- 1983 - "10 Annees D'Acquisitions" - Museu de Grenoble - França
- 1984 - Petite Galerie - Rio de Janeiro - Brasil
- Rio Design Center - Rio de Janeiro - Brasil
- 1985 - Galeria d'Art Contemporain - Le Touquet - França
- Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
- "1960-1985: Autour de la Figuration Narrative" - Museu de Valence - FRAC ' - Rhone-Alpes - França
- 1986 - Galeria J. Y. Noblet - Paris - França

- "Les Figurations" - Museu d'Art Contemporain de Dunkerque - França
- 1987 - Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
- "LINEART" - Feira de Arte Internacional - Gand - Bélgica
- 1988 - Galeria d'Art Contemporain - Le Touquet - França
- Galeria L'Entree des Artistes - Barbizon - França
- 1988 - "Os Anos 60" - Museu de Arte Contemporânea - São Paulo - Brasil
- 1989 - Galeria Contrast - Lille - França
- Museu de arte de São Paulo - Brasil
- Galeria Contrast - Bruxelas - Bélgica
- Museu de La passion - Dunkerque - França
- Museu d'Art de Taiwan - Coréia
- 1990 - Galeria J. P. Carlier - Le Touquet - França
- Galeria L'Entree des Artistes - Barbizon - França
- Galeria Contrast - Lille - França
- ARTEXPO - New York - Estados Unidos
- 1991 - Galeria Contrast - Metz - França
- Galeria Contrast - Bruxelas - Bélgica
- Galeria Du Carme Rouen - França
- Galeria Contrast - Lille - França
- Galeria Mann - Paris - França
- Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
- Coletiva "Memoires de la Liberté" - Centre George Pompidou (Paris)/New York/Tokio/Amsterdan/Coréia/Itália/Bélgica/Tcheco-Eslováquia
- 1992 - Galeria Eleonore Austerlevz - San Francisco - Estados Unidos
- Eglise Saint Etienne - Ille Surtet
- Galeria Entrée des Artistes
- 1993 - Bienale d'Art Sacre - Roma - Italia
- Galeria M e W Art Ltd - Hong Kong
- Galeria Mann - Paris - França
- Galeria Le Monde de l'Art - Paris - França
- Hospici d'Ille - Ille Surtet
- Galeria São Paulo - São Paulo - Brasil

Obras nos seguintes Museus

- Museu de Arte Moderno Paraguay
- Museu de Arte de São Paulo
- Pinacoteca do Estado de São Paulo
- Musee de Thessalonique
- Museu de Olinda - Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
- Erac Rhone - Alpes
- Musee de la Passion - Dunkerque - França